

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
15 e 22 de setembro de 2023

Dark City / 1950 (*A Cidade Tenebrosa*)

um filme de William Dieterle

Realização: William Dieterle / **Argumento:** John Meredyth Lucas, Lawrence B. Marcus, Ketti Frings / **Direcção de Fotografia:** Victor Milner / **Direcção Artística:** Franz Bachelin / **Cenografia:** Sam Comer, Emile Kuri / **Figurinos:** Edith Head / **Som:** Don McKay, Walter Oberst / **Música:** Franz Waxman **Canções:** 'I Don't Want to Walk Without You', 'A Letter From a Lady in Love', 'That Old Black Magic'. 'I Wish I Didn't Love You So', 'If I Didn't Have You' / **Interpretação:** Charlton Heston (Danny Haley), Lizabeth Scott (Fran Garland), Viveca Lindfors (Victoria Winant), Dean Jagger (Capitão Garvey), Don DeFore (Arthur Winant), Jack Webb (Augie), Ed Begley (Barney), Harry Morgan (Soldier), Walter Sande (Swede), Mark Keuning (Billy Winant), Mike Mazurki (Sidney Winant), etc.

Produção: Paramount Pictures / **Produtor:** Hal Wallis / **Cópia:** versão digital, preto e branco, 98 minutos, versão original falada em inglês e legendada eletronicamente em português / **Estreia mundial:** 6 de outubro de 1950 (Estados Unidos da América) / **Estreia em Portugal:** Cinema São Jorge (Lisboa), 13 de setembro de 1956 / **Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.**

Na longa, prolífica e multifacetada carreira de William Dieterle, **Dark City** é apenas uma nota de rodapé ao lado de filmes muito mais famosos e premiados como **The Portrait of Jennie**, **Love Letters**, **The Story of Louis Pasteur** e **The Life of Emile Zola**. Também numa filmografia essencial do *film noir* dificilmente seria reservado lugar a este filme com algumas qualidades (já lá iremos), mas também com evidentes limitações relativamente à capacidade de aprofundar ou transcender os arquétipos do género em que se inscreve de forma quase sempre bastante formulaica (até logo desde o seu título, perfeitamente adequado a um ciclo sobre o *noir* mas algo anódino para um objecto concreto). Aliás, qual das cidades retratadas no filme – Nova Iorque, Los Angeles e Las Vegas - é essa “cidade tenebrosa” referida na tradução portuguesa (como se constata, a criatividade para os títulos de estreia em Portugal dos nossos distribuidores tem um passado muito antigo)? A razão principal para que **Dark City** seja ainda hoje recordado é a mesma porque o programámos na ocasião deste Ciclo dedicado a Charlton Heston a pretexto do centenário do seu nascimento. Para a história do actor, **Dark City** conta sobretudo por ter sido a sua primeira experiência em Hollywood e logo num papel de protagonista. A sua interpretação de um vigarista duro (mas com bom fundo) está ainda longe do perfil das personagens que construíram a imagem da tal “presença épica” com que o crítico Bosley Crowther descreveu bem a sua *screen persona*, mas este filme foi sobretudo um perfeito *vehicle* para uma futura *star*.

Logo na crítica publicada à época da estreia americana pelo *New York Times* o presciente Bosley Crowther mostrava-se tão pouco impressionado pelo filme como afectado pelas evidentes qualidades físicas e de interpretação deste recém-chegado. Vale a pena transcrever uma parte dessa crítica pois Crowther viu nele o futuro da masculinidade no cinema americano dos anos 1950 (ou pelo menos, uma sua variação) de seu nome Charlton Heston: “Uma nova

estrela chamada Charlton Heston - um tipo alto, elegante e de aparência rude que parece um jogador de futebol americano universitário - tem uma estreia infeliz devido ao frustrante nível deste thriller (...) O Sr. Heston tem algo mais do que a aparência para recomendá-lo para papéis dramáticos. Ele tem um magnetismo calmo, mas assertivo, uma dignidade juvenil e um evidente sentido de *timing* que é a condição *sine qua non* do bom actor."

A recepção no mínimo pouco entusiástica da crítica americana ao filme e as reservas do próprio Charlton Heston – que, mal-agradecido à oportunidade que lhe foi dada por Dieterle e pelos responsáveis da Paramount que deram o seu aval à sua escolha para o papel principal, exprimiu em diferentes ocasiões a pouca estima que tinha por esta sua estreia pela porta grande - terão certamente contribuído para a fraca lembrança deste filme, porventura demasiado injusta. Na história do *film noir*, **Dark City** chega num momento em que o género já cristalizou uma galeria de personagens típicas, uma iconografia imediatamente reconhecível, uma ideia de estilo fotográfico marcada pela herança do cinema alemão dos anos 1920 (no qual, não por acaso, Dieterle se iniciara como actor e realizador) e uma codificação da narrativa à volta de situações de crime e castigo. Se é verdade que **Dark City** encaixa nesse modelo com maior ou menor competência, mas sem lhe introduzir um pingão de novidade ou de subversão (pelo contrário, consegue o feito de redimir a personagem de Heston num *happy end* romântico bastante convencional e menos interessante do que o filme prometera até esse desenlace), tem contudo vários momentos que se destacam do lado mais amorfo do conjunto e que merecem que sobre eles nos detenhamos.

Começando pelo princípio, toda a sequência de abertura da rusga da polícia à casa de apostas gerida por Danny Hanley (Heston) é um notável exemplo de solidez e concisão narrativa clássica, capaz de nos mergulhar directamente na acção quase sem ser precisa uma palavra de diálogo, recriando de forma convincente o ambiente *hard boiled* do jogo ilegal e dando-nos desde logo várias personagens muito bem esboçadas. Heston e as três personagens secundárias mais em destaque do bando são particularmente conseguidas (e servidas por três brilhantes *character actors*), mas não ajudam a disfarçar a menor plausibilidade e interesse de outras que deveriam ser tão ou mais importantes. Talvez seja a principal fraqueza de **Dark City** não conseguir equilibrar o seu típico universo masculino com um equivalente contrapeso feminino nas duas mulheres que dividem o interesse romântico de Danny: Fran, a cantora de cabaré que é a eterna sacrificada à espera do amor dele (Lizabeth Scott, de que gostamos tanto noutros filmes – incluindo nalguns outros *noirs* – nada pode fazer com uma personagem tão abnegada quanta apagada) e Victoria, a viúva do homem que suicidou depois de ter sido enrolado por Danny e os seus comparsas num jogo de cartas viciado (apesar de interpretada competentemente por Viveca Lindfors, chega muito tarde ao filme e nele nem chega a despedir-se convenientemente). Ambas existem meramente ao serviço do narcisismo de Danny, a primeira como conforto para o seu orgulho de macho ferido e pagando pela mulher que o traiu no passado e que causou a sua perdição (embora ausente do filme, é ela a verdadeira *femme fatale* de **Dark City**) e a segunda como derradeira oportunidade de reabilitação pela morte de que fora responsável nessa altura e que o desviou do bom caminho.

O fatalismo existencial que alimenta os mais notáveis *noirs* é aqui talvez mais afectação do que genuíno negrume (veja-se a algo forçada referência erudita ao barco que na mitologia grega faz a travessia do rio dos mortos na cena em que Danny e Fran são perseguidos pelo assassino sem rosto), mas preferimos acabar esta "folha" enumerando outras qualidades de que gostamos muito em **Dark City**. Nestas contam-se a utilização das *torch songs* cantadas por Fran no clube nocturno (ver respectiva lista na ficha mais acima) como eco directo do seu amor mal correspondido; a ideia de manter a identidade do assassino fora de campo (assim

aumentando o sentido de ameaça e tornando mais insuportável o seu cerco); a eficaz construção do suspense nas cenas das mortes dos cúmplices de Danny e na incursão deste no casino e até ao confronto final com o psicopata e, *last but not least*, a segurança do estreante Heston num papel complexo e que poderia ser um fardo insustentável para um actor menos talentoso. É pouco ou é muito? Talvez não sejam razões suficientes para alcandorar este filme ao estatuto de um clássico ou de um *cult movie*, mas justificam plenamente o tempo de o vermos pela primeira vez ou de a ele querermos voltar algum outro dia.

Nuno Sena